



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS INSTITUTO DE GEOGRAFIA,  
DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE CURSO DE GEOGRAFIA  
LICENCIATURA**

**THALITA BASILIO DOS SANTOS**

**Ensaio sobre Educação e Política:  
A Geografia como instrumento de debate.**

**Maceió  
Julho 2021**

THALITA BASÍLIO DOS SANTOS

**Ensaio sobre Educação e Política:  
A Geografia como instrumento de debate.**

Monografia apresentada ao Colegiado do Curso de Geografia Licenciatura do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Orientador: Prof. Dr. Kinsey Santos Pinto

**Maceió**

**Julho 2021**

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S237e Santos, Thalita Basilio dos.  
Ensaio sobre educação e política : a geografia como instrumento de debate /  
Thalita Basilio dos Santos. – 2021.  
54 f.

Orientador: Kinsey Santos Pinto.  
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia: Licenciatura) –  
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio  
Ambiente. Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 49.  
Anexos: f. 50-54.

1. Educação e estado. 2. Geografia. 3. Democracia e educação. 4. Cidadania -  
Conscientização. I. Título.

CDU: 911.3:32+37-054.5





UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE  
CAMPUS A.C. SIMÕES, BR 104 – NORTE, KM13 CIDADE UNIVERSITÁRIA CEP:  
57.072-970


**CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**  
**ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Ata da sessão de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Licenciado em Geografia, ocorrida aos trinta (30) dias do mês de julho de 2021, na sala (Plataforma *Google Meet*). Estavam presentes os professores **Kinsey Pinto (Orientador)**, **Professora Doutora Nivaneide Alves de Melo Falcão (Avaliadora 1)** e **Professor Doutor Bruno Ferreira (Avaliador 2)**, sob a presidência do primeiro, compondo a Banca Examinadora do TCC do (a) estudante **Thalita Basilio dos Santos** sob título **“Ensaio sobre Educação e Política: A Geografia como instrumento de debate.”**. As 14h15min (catorze horas e quinze minutos) foi iniciada a defesa e encerrada às 15h45min (quinze horas e quarenta e cinco minutos). Após a conclusão da defesa, da arguição e dos comentários dos examinadores, estes se reuniram e decidiram, **“APROVAR”** com a nota 8 inteiros e 5 décimos (8,5) a monografia. Na oportunidade, foi informado que o prazo final de entrega do TCC refeito será de 15 dias após a data de defesa do mesmo, sendo entregue em três vias encadernadas e uma cópia em CD.

Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos, tendo sido lavrada a presente Ata pelo (a) Presidente da Banca que, após lida e aprovada, será assinada pelos três professores examinadores.


Maceió, 30 de julho de 2021.

Prof. Dr. Kinsey Santos Pinto – Presidente

Documento assinado digitalmente  
 Kinsey Santos Pinto  
Data: 02/08/2021 11:53:33-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>


---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nivaneide Alves de Melo Falcão – Avaliadora 1

Documento assinado digitalmente  
 Nivaneide Alves de Melo Falcao  
Data: 03/08/2021 08:49:55-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>

---

Prof. Dr. Bruno Ferreira – Avaliador 2

Documento assinado digitalmente  
 Bruno Ferreira  
Data: 06/08/2021 00:47:54-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>

---

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, não teria como ser diferente, agradeço a minha família por todo suporte dado a mim e por acreditar, até mais que eu, nos meus sonhos.

Agradeço a minha mãe, Galdene, que criou, educou e apoiou a mim e a minha irmã com a ajuda de minha vó. Você torna tudo um ensinamento, espero te encher de orgulho por concluir essa etapa.

Agradeço a minha irmã, Siara Tainar, por sempre acreditar que eu conseguiria finalizar a graduação e por ser um exemplo para mim, pessoalmente e profissionalmente.

Agradeço aos meus amigos e colegas, pessoas especiais que a UFAL colocou em minha vida. Sejam eles do curso, como Jardel, Michalison, Álvaro, e tantos outros. Sejam eles daqui do município, como Edvan, Tácila, Marcela, Jardielson, Samuel, Selmira, que iniciaram essa jornada comigo, numa viagem de mais de 2 h, entre ida e vinda, passando por vários perrengues (do ônibus quebrar ou atrasar). Vocês tornaram tudo tão especial para mim, acreditem em vocês pois eu acredito na capacidade de cada um.

Agradeço aos amigos que me acolheram como uma irmã, Hermes e Niel. Acredito que vocês não tenham noção do quanto eu os amo e sou grata por todos os momentos que vivemos na universidade e fora dela e por aqueles momentos que ainda estão por vim. Hermes, amigo, o que seria de mim sem seu apoio? Choramos, rimos, nos estressamos, passamos por tantas e tantas coisas. Serei eternamente grata pelo seu apoio, até mesmo quando a gente se iludia dizendo que estava tudo bem, quando não estava, mas de um jeito ou de outro a gente conseguia acertar as coisas.

Agradeço, grandemente, aos meus professores de todas as etapas, do início até a conclusão do curso. Principalmente ao Prof. Dr. Kinsey Pinto. Obrigada por não desistir de mim e por mostrar que existem tantos outros métodos de ensino de Geografia

Agradeço, especialmente, a minha vó Niete. Por tudo. Por ser meu tudo, a razão pela qual eu estudei, por ir comigo até a UFAL fazer minha matrícula, pelos conselhos, por todo amor que me proporcionou, por me esperar chegar do curso juntamente com minha mãe, pela criação, por moldar meu caráter e me inspirar a sempre fazer meu melhor. Mesmo quando eu não tinha forças, quando parecia que não ia dar certo, a senhora nunca me deixou desistir. “Para tudo se acha um jeito”, agora isso faz sentido para mim. Foi, é e sempre será pela senhora.

A minha família, meus amigos, professores, graduados e graduandos do  
curso de Geografia.



*“Jamais poderão aprisionar nossos sonhos”.*

**Luiz Inácio Lula da Silva**

## RESUMO

É evidente que a educação desempenha um papel importante na formação social de cada cidadão, sejam pelos conhecimentos escolares, sejam pelos valores político e cívicos. Porém, estes últimos são poucos trabalhados nos anos iniciais escolares, sendo desenvolvidos ao longo dos graus educacionais futuros, com informações vagas e até mesmo sem ser discutidos nas salas de aula. O princípio básico da educação democrática é formar cidadãos capazes de utilizar informações para o bom convívio social e político, fazendo com que os mesmos sejam capazes de analisar e escolher seus representantes. Entre destinos profissionais, sociais e pessoais, cada indivíduo tende a pertencer ou frequentar certos ambientes que influenciam suas escolhas e pensamentos sobre diversos assuntos, e, neste caso, sobre política. E na escola, com aulas, leituras e discussões, é possível inserir no cotidiano dos alunos entendimentos questões sociais e políticas. O objetivo central deste trabalho, aplicado na Escola Estadual de Educação Básica Pedro Joaquim de Jesus, localizada no município de Teotônio Vilela, Alagoas, é tecer um texto sobre como a Geografia pode ser usada em debates acerca de tais questões e como a escola pode formar cidadãos conscientes sobre seu papel na sociedade. Constatou-se, então, que ainda que existam outros meios informacionais, a escola ainda é fonte essencial de informações, bem como de encontro e discussões, assim como a importância da Geografia em tais atos.

**Palavras-chaves:** Educação. Política. Geografia. Educação democrática. Cidadãos conscientes.

## **ABSTRACT**

It is evident that education plays an important role in the social formation of every citizen, whether through school knowledge or through political and civic values. However, the latter are rarely worked on in the early school years, being developed over future educational degrees, with vague information and even without being discussed in the classroom. The basic principle of democratic education is to form citizens capable of using information for good social and political coexistence, making them capable of analyzing and choosing their representatives. Among professional, social and personal destinations, each individual tends to belong to or attend certain environments that influence their choices and thoughts on different subjects, and, in this case, they work on politics. And at school, with classes, readings and discussions, it is possible to insert social and political issues into the daily lives of students. The main objective of this work, applied at the Pedro Joaquim de Jesus State School of Basic Education, located in the city of Teotônio Vilela, Alagoas, is to weave a text on how Geography can be used in debates about such issues and how the school can form citizens aware of their role in society. It was found, then, that although there are other informational means, the school is still an essential source of information, as well as meeting and discussions, as well as the importance of Geography in such acts.

**Keywords:** Education. Politic. Geography. Democratic education. Conscious citizens

## Sumário

<b>O POR QUE EM BUSCA DO “PORQUE”</b>	10
<b>CAPÍTULO I</b>	14
<b>Geografia: o que é, para quê e para quem?</b>	14
<b>CAPÍTULO II</b>	18
<b>Por que ensinar Geografia?</b>	18
<b>CAPÍTULO III</b>	20
<b>O que é Geografia Política?</b>	20
<b>CAPÍTULO IV</b>	24
<b>Política na sala de aula: como a Geografia pode ser utilizada como instrumento de debate?</b>	24
<b>CONSIDERAÇÕES “NEM TÃO” FINAIS</b>	37
<b>REFERÊNCIAS</b>	40

### **O POR QUE EM BUSCA DO PORQUE**

O trabalho aqui apresentado foi realizado através de pesquisas, observações e vivências, sendo que o ponto de partida para o desenvolvimento do mesmo foi observar como discussões sobre política se acaloraram nos últimos anos e como as pessoas passaram a se informar e se inserir no meio político, levando a conscientização e maior participação. É importante pontuar que o público trabalhado é formado por alunos do ensino médio, com idades entre 15 e 45 anos, parte dos mesmos já votam e é um grupo que vem mostrando bastante interesse sobre política.

São pessoas, que possuem a informação na palma da mão onde estiverem (basta haver conexão com a internet). E falando em internet, o papel que ela desempenha acerca de posicionamentos, seja sobre feminismo, *bullying*, homofobia, racismo e afins, é de suma importância na complementação da construção do conhecimento, pois ela abre portas para que haja mais discussões, mais conexões e uma pluralidade de informações,

dando a oportunidade de cada indivíduo escolher, de acordo com seus ideais, em que quer acreditar. Isso tudo quando bem utilizada.

Assim como tantos outros ramos das ciências humanas, a Geografia busca formar cidadãos críticos e conscientes sobre o mundo e suas dinâmicas. Na escola, cabe ao professor ofertar meios para que isto aconteça, assim os alunos terão opiniões embasadas em conhecimentos e não em informações vagas.

A grande questão desse trabalho é: como a Geografia pode ser utilizada para discutir política nas escolas, levando em consideração que a didática pode preencher espaços existentes no meio de tanta desinformação no meio técnico-científico-informacional.

O assunto tratado neste trabalho será pautado em Geografia Humana, Geografia Política e Educação Democrática.

O tema será pautado em ensino de Geografia e Geografia Política, com o título **“Educação e Política: a Geografia como instrumento de debate sobre os fascismos sociais”**.

Academicamente, acho importante discutir política em sala de aula e apesar de ter meus princípios ideológicos, acredito que é fundamental manter o debate e/ou o ensino de forma imparcial. E vivendo esses momentos acalorados de debate sobre política, um trabalho acadêmico serve como fonte rica de informações. Trabalhos acadêmicos levados a sério, com fundamentos e fontes, são peças bem-vindas em discussões. Acredito que meu trabalho pode vir a se juntar a tantos outros nessa temática e auxiliar a tantos outros estudantes que se interessem pelo tema.

A quem interessar ler meu trabalho, pode se informar de como chegamos no atual momento político e de como podemos explicar aos nossos futuros alunos como debater, utilizando a Geografia, política e tantos outros temas advindos da mesma. É importante que a sociedade compreenda que professores, em sua maioria, não são vilões, e que é necessário ver todos os lados da história, ainda que não seja o que ela acredita.

Será uma satisfação muito grande explicar, por exemplo, o porquê do ano de 2013 ter sido tão crucial na não tão nova conjuntura política que vivemos hoje. Eu percebo que, infelizmente, o comodismo é o pai da desinformação. Eu quero escrever para que as pessoas possam entender como o debate sobre política se engrandeceu nos últimos anos e que, de certa forma, isso foi importante. Assim como pretendo levar aos outros estudantes de Geografia, em especial na Licenciatura, um pouco de conhecimento, ainda que resumido, e espero auxiliar os mesmos em algum momento de sua graduação e, futuramente, em suas salas de aula.

Busco aqui informar, mesmo que de forma breve, como nós, professores e futuros professores de Geografia, podemos explicar o atual cenário político no Brasil através de outros meios e outras metodologias para uma geração que tem acesso à informação a qualquer hora e em qualquer lugar.

Com o objetivo geral de apresentar um ensaio<sup>1</sup> sobre como a Geografia desempenha um papel importante sobre discussões acerca de questões sociais e políticas e como a escola pode devolver a sociedade cidadãos conscientes, através de debates e introdução à política na sala de aula.

Para atingir o objetivo geral, se colocam como objetivos específicos: analisar como os assuntos de cunho social e político são abordados dentro da sala de aula e como são absorvidos pelos alunos; compreender o papel da escola em relação a disseminar conhecimento e informação; identificar quais outros meios alunos e professores utilizam e podem utilizar para se informar acerca desses assuntos; e comprovar como a Geografia é importante em debates sobre política e como a mesma é um dos pilares para construir discernimento crítico na formação cidadã dos alunos.

Como não contávamos com o inesperado, a metodologia teve que passar por uma pequena modificação: o questionário foi aplicado via *internet*, em formato de Formulários do Google, enviados para alunos do ensino médio através de seus professores.

Com caráter exploratório, a pesquisa visa analisar como os alunos absorvem conteúdos relacionados a política, mantendo o anonimato dos participantes. Os formulários foram aplicados para 45 alunos com idades entre 15 e 45 anos, da Escola Estadual de Educação Básica Pedro Joaquim de Jesus, localizada no município de Teotônio Vilela, no estado de Alagoas. Além disso, é importante ressaltar que as informações aqui apresentadas podem variar de aluno para aluno e de tempo para tempo, e estas são as expectativas, já que o que nos mantém enquanto sociedade democrática são, também, nossas divergências.

---

<sup>1</sup> O ensaio acadêmico é um texto em que o autor apresenta reflexões e críticas acerca de um tema. Seu objetivo é discutir determinado assunto, por meio da exposição de ideias e pontos de vista do autor, com base em referências de outros autores sem, contudo, perder a originalidade. Ao contrário, o ensaio é uma modalidade de texto em que o autor traz uma interpretação original do assunto numa síntese que pode contribuir para que os leitores reflitam sobre a questão.

A pesquisa é voltada para a área da educação, porém, pode auxiliar nas demais áreas sociais, pois um dos objetivos é levantar questionamentos e, possivelmente, respostas acerca.

Foram realizadas pesquisas e leituras no âmbito educacional, geográfico e político, que juntamente com os dados obtidos dos questionários levantaram discussões relacionadas a temática.

Cada capítulo foi pensado e desenvolvido a modo de construir uma linha explicativa sobre a importância de se discutir política na sala de aula e em como a Geografia serve de base para tal tema.

O capítulo I, intitulado “Geografia: o que é, para quê e para quem?”, é baseado (resumidamente) nos primeiros ensaios eu tive no curso de licenciatura em Geografia. São linhas as quais remontam breves introduções sobre como a Geografia se tornou a ciência que conhecemos hoje, como pensadores importantes de Geografia contribuíram para o crescimento da mesma, uma breve diferença entre a Geografia escolar da Geografia enquanto ciência, e como a Geografia enquanto disciplina escolar contribui para a formação social no aluno.

No capítulo II, “Por que ensinar Geografia?”, busco brevemente apresentar a diferença que as aulas de Geografia podem fazer nas realidades dos alunos, o papel do professor no processo de ensino aprendizagem, o modo como a Geografia é desmembrada e compactada para ser apresentada aos alunos e porque os alunos devem ser apresentados a política antes mesmo de ingressar no ensino médio.

O capítulo III, “O que é Geografia Política?”, explica resumidamente a diferença entre Geopolítica e Geografia Política. Trago também um breve relato pessoal sobre como a falta deste assunto no meu processo de aprendizagem dificultou, em alguns pontos, meu entendimento e preocupações sobre política, algo que só pude ter quando adentrei na universidade.

No capítulo IV “Política na sala de aula: como a Geografia pode ser utilizada como instrumento de debate?”, desenvolvi minha pesquisa baseada nos estudos, artigos e na aplicação do questionário. Neste, falo um pouco



sobre como o ensino não deve ser um processo morgado entre alunos e professores, a pertinente discussão sobre política antes dos alunos passarem para o ensino médio, como a Geografia está implícita nos assuntos mais comuns do dia a dia, e busquei compreender a percepção cognitiva acerca de política dos alunos pesquisados.

## CAPÍTULO I

### Geografia: o que é, para quê e para quem?

Quando adentramos no curso de Geografia buscamos entender o real significado do termo, o que a Geografia estuda, onde podemos encontrá-la, como podemos dividi-la e o quão importante a Geografia é em nossas vidas e em nosso cotidiano.

A necessidade que o homem tem de compreender o mundo se faz por questões econômicas, políticas e, o mais importante, subsistir. A Geografia é uma herança dos gregos e foi consolidada como ciência pela Alemanha no século XIX, e foi lá que a Geografia serviu de base para compreensão da ambição pelo expansionismo. Nas mãos de Humboldt e Ritter, a Geografia deixou de ser apenas a “descrição da Terra” para ser formalizar em compreender a relação entre a sociedade e natureza.

O espaço geográfico é uma criação humana, sendo assim as ações e fenômenos que nele ocorrem estão intrinsecamente ligados aos aspectos humanos que nos fazem compreender, por exemplo, processos de regionalização, espacialização e formações sociais. Ou seja, a sociedade e o espaço são dinâmicos.

Para Milton Santos, as dinâmicas sociais e espaciais, aliadas ao desenvolvimento tecnológico em detrimento da desigualdade, explicam o processo de Globalização. No livro “O Trabalho do Geógrafo”, Milton Santos traz discussões sobre o espaço de maneira que ainda não havia sido tratado, tendo o mesmo como um conjunto indissociável de ações e objetos, contendo fluxos e rugosidades.

Doreen Massey usou a Geografia para estudar aspectos como o sistema capitalista, diferenças regionais, urbanização, conceituação de lugar e espaço, gênero em questões econômicas e sociais (inclusive, foi pioneira na Geografia Feminista) e a divisão espacial do trabalho. Massey (1991) criticou Harvey e Soja quando os mesmos subjugaram o gênero feminino ao taxarem o feminismo como uma luta local e não global.

Harvey (1989) limitou a ideia de lugar quando disse que o termo estava sendo corroído pela globalização. Massey (1991-1995) definiu lugar como compostos de fluxos e movimentos, interligados e interdependentes, locais e globais, com suas relações sociais, culturais e econômicas, que se espalham pelo globo, mas continuam específicos às suas características. Sua contribuição para a noção de lugar, num sentido progressivo, foi de suma importância para o que conhecemos por geografia social e cultural, onde mesmo que um lugar seja imposto a globalização, ele continua sendo único. Doreen Massey também promoveu um ensaio para o entendimento de espaço, onde mais a frente, em 2005, no livro *For Space*, definiu o mesmo em um recipiente onde a vida cotidiana ocorre. O espaço não é inerte, não é estático, ele se constrói a todo momento da maneira que é imaginado.

Eu poderia definir a Geografia como “tudo”, pois ela está em tudo por estudar o tudo e o todo. Ela está na natureza e nas relações que estabelecemos com ela, ela está em nosso espaço (geográfico) e na dinâmica social, no modo em que nos organizamos enquanto indivíduos e em sociedade, nos fenômenos físicos, na urbanização, na economia, enfim, em tudo que faz o mundo ser o que ele é. Foi no curso de Geografia que eu pude ver a mesma como ciência, quais são seus ramos e seus conceitos, assim como busquei compreender o passado para tentar entender o presente.

De certo modo, a Geografia vai muito além de “estudar o homem e a relação do homem para com o meio”. Ela está acontecendo a todo momento e nos proporciona ter uma visão mais “clínica” do todo.

Ensinar Geografia não é apenas “repassar conhecimento”. Ensinar Geografia é ter a responsabilidade de ajudar pessoas a entender o mundo, a sociedade, a natureza e a relação estabelecida entre esses três termos.

A Geografia, enquanto disciplina escolar, ainda que possua o mesmo objeto de estudo e mesmo objetivo que a Geografia enquanto ciência, muito se difere da mesma. Lana Cavalcanti, em sua obra “Ensino de Geografia na escola”, salienta a importância de ligar a Geografia escolar a realidade dos alunos, utilizando materiais didáticos fundamentais em escolas. Entre as temáticas trabalhadas, Cavalcanti salienta a importância de se trabalhar, por

exemplo, ética ambiental, onde alunos de ensino fundamental teriam um contato mais, mas mesmo assim nem tão, profundo da relação entre homem e natureza. Em “Geografia, Escola e Construção do Conhecimento” (1998), Cavalcanti analisa os processos formadores de conhecimento no âmbito da Geografia no ensino fundamental. Do ponto de vista socioconstrutivo, Cavalcanti aponta como os conteúdos da disciplina Geografia podem ser representados de maneira a colocar o aluno como sujeito em seu espaço.

Na obra “Ensino de Geografia: Práticas e Textualizações do Cotidiano” (2000), Castrogiovanni coloca o espaço geográfico como centro de discussões. O curioso é que um livro do início do século continua tão atual, quando o autor trata da distância que professores dos anos iniciais possuem ao ensinar Geografia, uma vez que a disciplina é vista rapidamente no curso de Pedagogia, e assim se faz dentro da sala de aula, pois a urgência é ensinar a ler, escrever e fazer contas.

Quando o professor distancia os alunos da Geografia nos anos iniciais, acontece que o ensino da Geografia nos anos seguintes pode ser maçante para os alunos. Os mesmos passam dos anos iniciais para o fundamental II sem noção de espaço e sem entender o papel de cada cidadão na sociedade. Tendo, então, noção de espaço, Castrogiovanni (2000) cita que a criança toma a ideia do que seria o espaço vivido, o espaço representativo e o espaço percebido. O autor propõe uma série de atividades as quais não se encontram nos livros didáticos (proposta essa que vem sendo adotada, por exemplo, nos estágios do curso de licenciatura em Geografia na UFAL), o que de certa forma torna a aprendizagem mais dinâmica quando se utiliza de recursos como maquetes e jornais, para representar e redescobrir a rua em que o aluno mora, em escala local, para que ele desenvolva curiosidade em descobrir o mundo. É exatamente isso que Helena Copetti Callai (2000) propõe no capítulo 2 deste mesmo livro, chamado “Estudar o Lugar para Compreender o Mundo”. O lugar seria o objeto de análise que engloba o que é regional e o que é nacional, e “o espaço construído resulta da história das pessoas, dos grupos que nele vivem, das formas como trabalham, como produzem, como se alimentam (...)” (p. 84), isto é, o espaço é formado pela identidade e pela sensação de pertencimento, pontos cruciais para compreensão do lugar e posteriormente do mundo.

Callai reflete sobre como a Geografia dentro da escola é fundamental para que enxerguemos o mundo para além do que ele é, e cita o mapa, a importância de colocar o aluno como centro da aprendizagem e os “conceitos fundantes”, que seriam: consciência e olhar espacial, escala de análise, natureza, paisagem, estrutura e formação espacial e a dimensão histórica enquanto conteúdo do estudo do lugar.

A Geografia escolar, ainda que fadada, é uma disciplina extremamente importante na formação cultural e social de indivíduos. São cidadãos os quais compõem a sociedade, juntamente a mim, e por isso é fundamental entender porque nos organizamos desta forma, como fenômenos físicos e sociais acontecem, o porquê de sermos dinâmicos, assim como compreender como chegamos a esse nível de sociedade que somos hoje.

É complexo, mas não é impossível de se aprender. Cada aluno tem seu ritmo próprio e o professor está ali para auxiliá-lo. É difícil imaginar viver sem Geografia. É vital. É entender o passado e o presente e fazer uma ponte entre esses dois momentos e levar até a escola com uma única finalidade: ajudar o aluno a ter uma visão de mundo que vai além de mapas e livros.

## CAPÍTULO II

### Por que ensinar Geografia?

Muito além de saber que “Geo” significa Terra e “Grafia” significa descrição, precisamos compreender os porquês de se aprender Geografia e como podemos utilizá-la.

Compreender nossa realidade, desenvolver o senso crítico e saber ler o mundo são uns dos objetivos da Geografia, pois a mesma coloca o ser humano como ator principal do espaço em que vive, o espaço geográfico, e baseado nisso o ser humano desenvolve dentro desse espaço a economia, a compreensão da relação entre o homem e a natureza e a sociabilidade.

Quando apresentamos a disciplina ao aluno, o ponto chave da aprendizagem é mostrar ao mesmo como ele é cidadão e como o espaço em que ele vive é construído e modificado a todo momento. Sendo assim, o aluno também irá compreender que até mesmo uma decisão individual que o mesmo tomar, poderá modificar todo o resto.

Na história (não tão e ao mesmo tempo tão) recente do Brasil, destaco como uma ditadura militar abalou e modificou as estruturas políticas e sociais e como esse acontecimento ainda afeta e perdura nos dias de hoje, mesmo vivendo em um sistema democrático. É necessário explicar isso aos alunos e interligar o passado ao presente, já que o futuro depende de tal.

Foi-se o tempo de colocar a Geografia como decorar países e suas capitais. Uma das regras da aprendizagem é conseguir interligar disciplinas/assuntos com as realidades dos alunos, deste modo, a Geografia deixa de ser uma disciplina de mapas (ainda que indispensáveis no ensino de Geografia) para se tornar uma disciplina de conexões. Cada ser dentro da sala de aula é um indivíduo na sociedade, e cada indivíduo possui um papel dentro dela.

O “tipo” de ensino de Geografia mais popular dentro das escolas é o ensino desmembrado, segmentado e dividido, sendo que muitas das vezes o professor não consegue juntar, por exemplo, a relação entre mudanças

políticas, onde um líder reforça a déspota descaradamente e como a democracia tende a se abalar diante disso.

O professor de Geografia, entre tantas outras coisas, tem a faca e o queijo nas mãos, tem um mundo para compreender e ensinar, e tem que se reconectar e reabastecer todos os dias. É sempre necessário preencher a lacuna deixada entre a realidade vivenciada e os ensinamentos em sala de aula.

Uma atividade interessante e talvez muito utilizada entre professores de Geografia é pedir para os alunos traçar o caminho que faz de casa até a escola, pedir para que ele analise elementos de seu bairro e desenhar uma espécie de mapa. O que é isso senão conectar a realidade dos alunos como a disciplina? Deste modo, porque não debater política dentro da sala de aula, já que vivemos e praticamos política?

Outra questão importante é o uso de livros didáticos. Livros são, quando bem utilizados, norteadores. Mas, do meu ponto de vista, romper com esse estigma é libertador tanto para o aluno, quanto para o professor. Na realidade das escolas públicas, livros são repassados de acordo com os anos, impedindo de serem reformulados. Ou seja: ordem cronológica desatualizada num mundo em constante dinâmica.

Uma descoberta de ontem pode ter novas informações e atualizações. O presidente de hoje pode não ser o de amanhã. Hoje democracia, e o amanhã? Não se sabe.

Levando ao pé da letra o que Aristóteles disse, que “o homem é um animal político”, a Geografia também explica tal expressão quando pensamos que, de fato, o ser humano tem a necessidade de viver em sociedade. Os primeiros valores sociais e educativos são herança do seio familiar, mas é na Polis (cidade) que o ser humano se torna completo.

Um bom exemplo, nos dias de hoje, que reflete essa frase são as mobilizações sociais. Quando o povo vai às ruas para reivindicar seus direitos, muitas das vezes são atendidos. Quando o povo se reúne, faz uma ação coletiva e entende o poder que tem, o povo está fazendo política. E política

nada mais é que pensar no plural, logo o homem é um animal político por pensar e viver em sociedade.



### CAPÍTULO III

#### O que é Geografia Política?

Um dos equívocos mais comuns no curso de Geografia é utilizar o termo “Geopolítica” para falar de “Geografia Política” e vice-versa, ou até mesmo achar que ambos os termos se referem a uma só coisa.

Vesentini (1986) define Geopolítica como “O discurso de Estado capitalista sobre o espaço geográfico: é o conhecimento (sempre voltado para a ação) que visa a assegurar e fortalecer a soberania de um Estado nacional tanto em relação aos demais estados como sobre o seu território, no seio da sociedade onde ele encontra sua razão para existir”, isto é, a Geopolítica é utilizada para se fazer estratégias e formular teorias com o intuito de se conseguir poder sobre um território.

Um exemplo de Geopolítica usada como ciência para fundamentar uma teoria é o caso de Alfred Mahan, que fazia Geopolítica em sua obra “A influência do poder marinho sobre a história” (1890), mas que não utilizava o termo “Geopolítica” propriamente dito. Mahan acreditava que o país (Estados Unidos da América) que tivesse poder sobre as rotas marinhas alcançaria o título de potência mundial. Mackinder refutou a teoria de Mahan, quando propôs que quem obtivesse poder sobre a Eurásia teria poder sobre a “Ilha Mundial”. Haushofer publicou estudos sobre Geopolítica em uma revista homônima e posteriormente suas teorias influenciaram Hitler, que anos depois rompeu com Haushofer. Consequência: invasão a União Soviética, que foi um grande erro alemão.

Historicamente e geograficamente, a Geografia Política despontou na Alemanha, tendo Friedrich Ratzel como precursor. Na obra “Geografia Política” (1897), Ratzel traz a ideia de um Estado forte, fortemente influenciado pelo espaço, este centralizador e acima da sociedade por razões naturais (como relevo, clima e recursos) antepostas às razões sociais e políticas. A influência de Ratzel é marcante quando se fala em Geografia Política, pois praticamente todas as escolas geográficas (italiana, francesa e até mesmo a americana) se utilizaram das referências de Ratzel para fazer Geografia Política.

Nas salas de aula, a temática varia de professor para professor. Lembro que no ensino médio, meu professor de Geografia pouco tratava de política e isso afetou de certa forma, a maneira como tratei do assunto depois de anos, principalmente quando comecei a estudar na UFAL. Naquele momento, cerca de 2013, estávamos vivenciando um furor na política brasileira, um momento em que jovens entre 15 e 17 anos nunca haviam visto: uma desestruturação no ambiente político de todo país.

Neste período, particularmente, gostaria de ter discutido mais em sala de aula ou pesquisado mais sobre. Não culpo, única e exclusivamente meu professor, mas sim o currículo da escola que já estava pré estabelecido, onde os assuntos já estavam definidos. Outro ponto é o uso do livro didático como roteiro, onde o professor apoia-se nele como único objeto para estudo. Por ser mais fácil, talvez. Mas as vezes o mais fácil nos atrapalha. Não há como desenvolver curiosidade, ou ter vontade de aprender ou adquirir conhecimento, mesmo que pouco, sem que haja uma “quebra de cabeça”.

Nesse meu relato particular e nostálgico, me surgem várias e várias memórias do ensino médio, como poucos recursos numa escola pública (não é surpresa), e também como os assuntos eram tratados de maneira fria. Novamente: não culpo exclusivamente o professor. E se um dia o culpei, hoje eu entendo o seu lado pois estou nele. O grande ponto é que houve uma lacuna no meu conhecimento acerca de tantos assuntos, assuntos esses que retomei na universidade e eram tão simples para quem já passou pelo ensino médio, mas que infelizmente eram tratados de forma banalizada.

A Geografia me instiga a ter curiosidade sobre o mundo, este é apenas UM dos papéis dela. No meio de tantas lembranças, me pergunto: o que aconteceu no meu processo de aprendizagem que se formou essa lacuna? Por que a escola não estimula o senso crítico do aluno? Por que somos apresentados a assuntos como racismo, machismo e política de forma tão superficial?

Eram outros tempos, mesmo que tenha sido há 7 ou 8 anos atrás. Mas a constância da mudança no espaço e nos agentes que nele habitam fez com que emergissem tantos outros pontos a serem discutidos na sala de aula.

Voltando para o cenário político de 2013, posso dizer que este ano foi a “fagulha” que desencadeou uma série de acontecimentos os quais surtem efeitos até hoje em diversos cenários. Ali, as pessoas descobriram que tudo é política. E de repente fomos condicionados a escolher um lado. Tudo é política, mas nem toda política é partidária. Na polarização de esquerda e direita, até o mais leigo soube em que casa desse tabuleiro ficar, e mesmo não se posicionando, você acaba se posicionando, inconscientemente.

Então, partindo do ponto que tudo é política e de que somos seres políticos, por que não apresentar aos alunos, inicialmente, o conceito de Geografia Política? Por que não produzir e apresentar um livro didático que remeta a eles a realidade deles em todos os sentidos, inicialmente, para em seguida compreender o todo?

Das aulas de Estágio IV, me recordo do termo “conhecimentos prévios”. Os alunos foram levados a explorar estes conhecimentos para que pudéssemos ir para a sala de aula e encarar, do lado de cá, o que vivemos quando estudávamos no ensino médio, e, claro, explorar os conhecimentos prévios dos alunos em determinados assuntos. Parte dos alunos do ensino médio já estão em idade de votar, e, conseqüentemente, já se identificam com alguma vertente política e é essencial que haja debate político em sala de aula justamente pelo fato de que, enquanto indivíduos na sociedade, agentes pensantes, produtores e modificadores do espaço, eles são o fundamento para o futuro.

Claro, a escola e o professor também devem levar em consideração a autonomia do pensamento do aluno. O papel da educação no caso de discutir política, além de apresentar conceitos, é de apresentar metodologias que mitiguem falhas e tentem suprir as dúvidas dos alunos.

Outra questão é a luta entre as chamadas *fake news* e o processo de ensino-aprendizagem. É mais fácil, para muitos, acreditar naquilo que se mostra fantasioso e absurdo no sentido de ocorrência, do que necessariamente acreditar em fontes acadêmicas certificadas, pessoas entendidas do assunto ou até mesmo o conhecimento prévio de um professor. Não é de hoje que, também, existe a luta entre a escola e as mídias. Vivendo na era informacional,

onde as coisas se tornaram mais acessíveis, o professor trava uma batalha entre receber a atenção do aluno que tem a informação a qualquer hora na palma da mão e vencer informações errôneas que são disseminadas e reproduzidas entre alunos e pessoas como um todo.

Faz mais sentido para um aluno absorver conhecimento de mídias, propagandas e vídeos, do que refletir e ler teorias, contextos e conceitos.

É um processo difícil, sendo bem óbvia. E levando em consideração tantas outras dificuldades, poucas pessoas nos dias de hoje se propõem a participar do meio educacional.

O professor de hoje tem que entender que as coisas não são mais como ontem, sem esquecer do “ontem”. Debater, não somente política, mas tantas outras questões sociais é um dos pontos para a formação cidadã do aluno.

Então, por que não?

## **CAPÍTULO IV**

### **Política na sala de aula: como a Geografia pode ser utilizada como instrumento de debate?**

Imagina poder ver e vivenciar a história acontecer diante dos seus olhos.

Agora imagina, na visão de professor de Geografia, explicar para os alunos como esse processo vem acontecendo e no que isso pode dar.

Não há momento melhor para de discutir política senão hoje. É imprescindível reparar como a temática se regenera na menor mudança que houver e o cenário brasileiro é extremamente pertinente nesta discussão.

Nas aulas de Geografia do ensino fundamental, a temática “política” está implícita em assuntos como noção de cidadania, moradia, trabalho, transporte, e, no mais comum, a diferença entre campo e cidade. O aluno é condicionado a pensar, mesmo que de forma indireta, em território, Estado e nos agentes sociais que formam o mesmo. Mesmo de forma simplória, o assunto, muitas das vezes, acaba se tornando aquele assunto “mastigado”, não tão aprofundado, devido a questões como tema e a própria vontade do professor em apresentar o tema.

Saindo do ensino fundamental para o ensino médio, entende-se que o aluno já compreende alguns conceitos, tem mais maturidade para determinados temas, há mais disposição e, o que se observou na década passada, mais interesse em assuntos de cunho político. É natural o amadurecimento da nossa percepção de mundo. Com o tempo, tendemos a filtrar mais nossas escolhas, amizades e interesses.

Tendo em vista que o processo de ensino-aprendizagem deve ocorrer de maneira a interligar assuntos com as realidades dos alunos, surgem questionamentos: por que não trabalhar uma temática tão acerca da nossa vida cotidiana e tão próxima a Geografia? Por que não introduzir, a maneira e a fase dos alunos, política na sala de aula, a modo de “preparar” os alunos para entender temas como cidadania, sociedade e política?

Dentro deste aspecto, um erro comum vigente, não apenas nos livros didáticos é apresentar uma escala global de política. Entender o que são os

Tigres Asiáticos, o porquê dos Estados Unidos é tão “poderoso”, culturas e costumes alheias as nossas, são alguns dos assuntos presentes nas aulas de Geografia. Mas e a escala municipal? E a sociedade a qual o aluno está inserido? Muito mais do que entender o Brasil enquanto território, é necessário compreender o nosso lugar.

Entre perguntas e respostas, apresentar Geografia Política aos alunos, dentro do âmbito educacional, se faz necessário em virtude de temáticas interligadas ao assunto, vide que cada aluno é um agente na sociedade, com poder de fala e de escolhas.

Tão importante quanto construir um cidadão, também é formá-lo político. Ribeiro, parafraseando Rousseau, explica como o tema está intrínseco em nossas vidas, onde o filósofo pensa:

(...) a sociedade como uma agregação de indivíduos e a educação como necessária à formação do cidadão livre e, ao mesmo tempo, sujeito às leis. Em decorrência, seu ideal educativo [...] preocupa-se com que o indivíduo esteja preparado para participar da vida política (RIBEIRO, 2002, p. 119).

Isto é: cabe, também, a escola, desenvolver metodologias que explorem e façam com que os alunos desenvolvam senso crítico em relação não somente a política, mas também a tantas outras temáticas que estejam inseridas na sociedade.

Aprender nunca deve ser um processo cansativo e desinteressante para o aluno. Ao colocá-lo enquanto agente na sociedade, a escola pode trazer informações significativas para o aluno e formar sua construção educacional e principalmente social. É saber articular assuntos acadêmicos com a vida cotidiana, é informar que existem outros meios de usos para mídias e instigar o olhar crítico daquele cidadão.

Buscando compreender a percepção dos alunos sobre cognição política, foi elaborado um questionário (Anexo 1) utilizando o *Google Forms* pela facilidade de divulgação e também por conta da pandemia, já que as escolas estão fechadas até o presente momento. Ressalto aqui que deixei claro que não era necessário identificar-se, pois era uma pesquisa anônima. Eram

perguntas de múltipla escolha, simples, e alguns espaços para respostas eram livres para casos de gênero e idade e até mesmo para comentários.

O objetivo inicial era enviar para mais de 60 alunos, porém, apenas 45 responderam. O questionário ficou aberto durante uma semana.

A maior parte dos alunos que responderam o questionário tem entre 16, 17 e 18 anos. Vide figura 01.

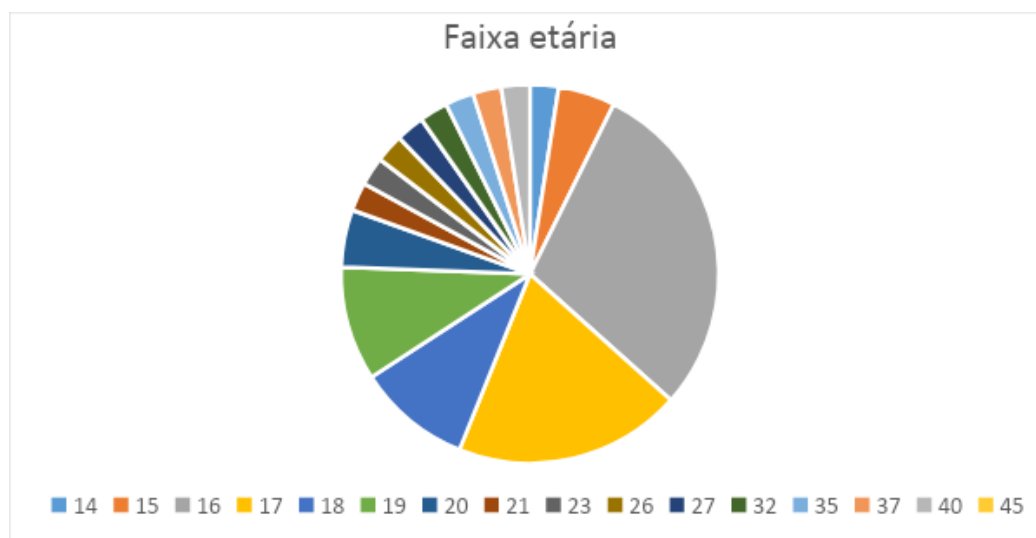


Figura 01. Fonte: Autora, 2021.

Dos 45 alunos, 38 eram do gênero feminino e 7, masculino. Uma das possíveis explicações pela quantidade mulheres que estudam no horário noturno é a atribuição das atividades domésticas, estruturalmente e socialmente direcionadas às mesmas, sendo este o único horário possível para estudar.

Durante muito tempo, ao longo da história das civilizações, a mulher tinha um papel periférico e ocasional na sociedade, em especial, em casa.

É praticamente impossível não entrar na discussão sobre igualdade quando o assunto é o gênero feminino. Isto é, quando a mulher atinge totalmente sua função enquanto humana, mediante muitos empecilhos.

Na educação, a desigualdade se iniciou quando as meninas tinham o direito a educação surrupiados, restando apenas aprender a ler e a escrever. Ao longo dos anos seguintes, a educação era mais voltada para aprendizados

relacionados a cuidados de casa, e somente no século XVIII passaram a frequentar salas de aula, porém separadas dos meninos.

Não somente foi um processo segregatório, como também foi discriminatório, pois as disciplinas mais “cabeças” eram direcionadas aos meninos, enquanto que para as meninas a educação era mais voltada para a casa.

Esta disparidade ocorre também no meio profissional, onde a diferença salarial entre homens e mulheres era (e ainda é) alarmante quando ambos exerciam a mesma profissão. Ainda hoje, ser professor, principalmente nos anos iniciais, muitas das vezes é uma profissão majoritariamente feminina, pois levam consideração o “instinto pela maternidade e pelo zelo às crianças” que “só as mulheres possuem”.

Os alunos pesquisados estudam pela noite, e os já em idade adulta estudam em modalidade EJA. Alguns trabalham, outras cuidam do lar, e só tiveram a oportunidade de continuar com os estudos na fase adulta durante a noite, justamente pela divisão das atividades.

Ainda que as coisas caminhem para uma possível e almejada mudança, ainda é comum observar que a designação as atividades domésticas são direcionadas a mulher, enquanto que o homem é responsável por suprir financeiramente o lar. Um adendo: não é um fator global, mas ainda assim é expressivo, principalmente quando se pesquisa por fatores que levam a isso, seja pela religião ou seja pela criação.

A história da mulher é uma história de lutas. Seja pelo mínimo respeito e direito a plena educação no momento e no tempo corretos, seja pelo máximo respeito, emprego e equiparação salarial.

Os alunos que responderam ao questionário estudam no 2º e nos 3º anos do médio. A maioria é do 2º ano, considera-se que a preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) começa neste mesmo, os alunos precisam redobrar os estudos para realizarem boas redações e, dependendo da nota, cursarem o ensino superior. Vide figura 02.



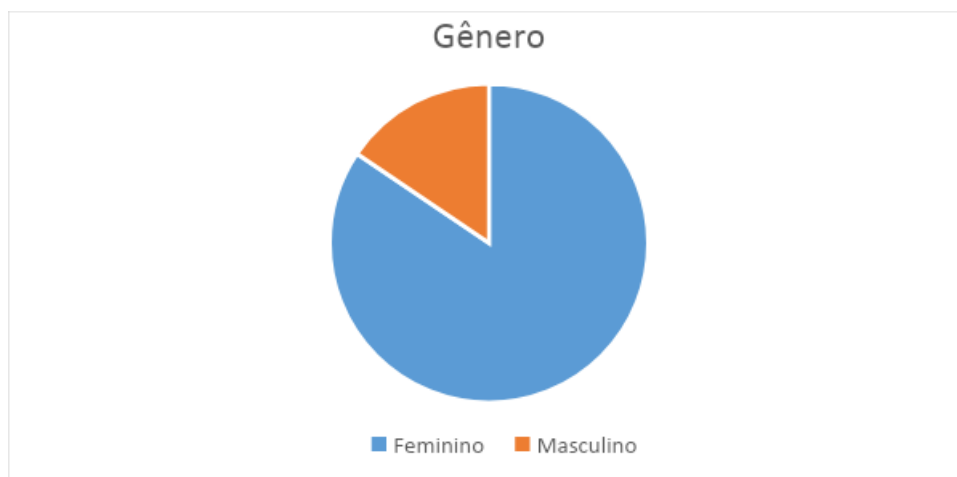


Figura 02. Fonte: Autora, 2021.

Havia uma questão em aberto no questionário a qual perguntei se deveriam haver mais debates relacionados a questões sociais em sala de aula, e um dos alunos respondeu que não, pois “já é muito falado e debatidos em todas as mídias sociais”. Mais a frente discutiremos o papel das redes sociais no sistema de aprendizado, mas aqui pontuarei a dualidade entre as informações prestadas nas escolas e as informações divulgadas nas redes sociais.

Espera-se de alunos do ensino médio um conhecimento mais apurado a cerca do mundo e seus departamentos. Porém, a disparidade de ensino entre a escola pública e a escola privada não é invisível aos olhos e conseqüentemente alimenta a desigualdade nas oportunidades presentes e futuras.

A facilidade de compreensão àquilo que é exposto nas redes sociais também conta, pois somos seres muito mais visuais e buscamos nos familiarizar ao fácil, a tudo aquilo que seja mais rápido para digerir.

As redes sociais estão cheias de distrações, mas também são fontes ricas de informações. Tomemos como exemplo a rede Instagram ou o Youtube, que são acessíveis a todos e atendem a todos os públicos, basta filtrar o tipo de informação que você quer e usufruir.

O Youtube, em especial, oferece aulas completas sobre os mais diferentes assuntos e pode ser um aliado no processo de aprendizagem.

Em relação ao conhecimento sobre política, houve uma boa variedade de resultados. 30 alunos (66,7%) responderam que seus entendimentos sobre política são bons, em contrapartida 6 alunos (13,3%) responderam que são indiferentes ao tema (Figura 03). Este resultado pode ser entendido pela facilidade de consumo de informação e pela qualidade da informação adquirida, tendo em vista que nem sempre quantidade significa qualidade.



Figura 03. Fonte: Autora, 2021.

É importante frisar que o conhecimento político implica diretamente no exercício da democracia. Na teoria, quanto maior e virtuoso é o conhecimento, maiores são as chances de saber escolher seus líderes políticos, assim como compreender e dar suporte a manifestações e também respeitar as minorias ou aqueles que não se assemelham politicamente a você, isto é: saber desfrutar da democracia e seus princípios. Vide figura 04, o conhecimento acerca de política.

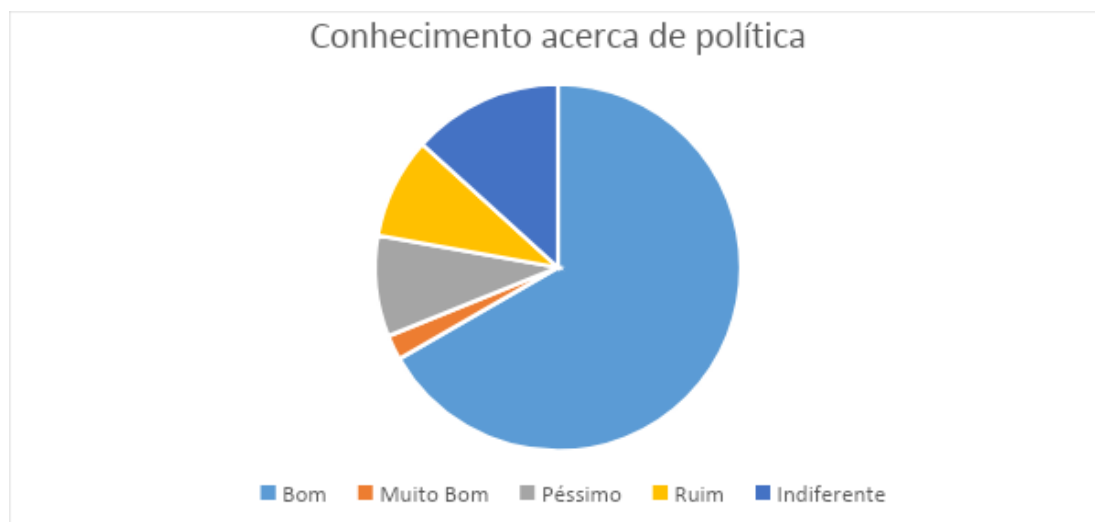


Figura 04. Fonte: Autora, 2021.

O conhecimento pode ocorrer de forma individual, perante a esfera em que o cidadão está inserido. Significa dizer que a facilidade do acesso à informação e a vivência num meio democrático interferem na forma e na quantidade de variantes da disseminação do conhecimento. Na democracia, o individualismo de atitudes pode atingir uma escala maior em relação ao exercício da mesma pois se trata de um sistema com diversas dimensões, afim do bem estar coletivo, e neste caso é importante que o cidadão pense e conheça o todo para que tudo funcione.

Voltando a qualidade de informações, é importante pontuar o papel das *fake news* no abalo da democracia dentro de sua coesão.

No Brasil, 62% dos brasileiros entrevistados pelo Instituto Ipsos em 2018 acreditaram em notícias falsas e só depois descobriram que as informações eram infundadas. 2018 foi o ano das eleições presidenciais no Brasil, e é indiscutível que as notícias falsas interferiram diretamente na escolha de milhares de eleitores e neste ponto podemos observar dois pontos que fortaleceram o candidato de direita: o primeiro e mais claro é o comodismo em não pesquisar mais sobre tais notícias, principalmente as mais absurdas. Quem não lembra do famoso livro mostrado por Bolsonaro em rede nacional que fazia parte de um “*kit gay*” que supostamente era distribuído para crianças nas escolas durante os governos petistas?

E segundo a velocidade que as informações são disseminadas. Segundo a pesquisa da agência Reuters (2019), 53% dos pesquisados usaram o WhatsApp para compartilhar informações, enquanto que no Estados Unidos da América apenas 4% o fizeram.

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua sobre Tecnologia da Informação (PNAD Contínua TIC), indicam que o acesso à internet cresceu de 74,9% para 79,1% entre os anos de 2017 e 2018. Tais dados, divulgados em 2020 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontam que o uso do celular ultrapassou o uso do computador, entende-se que pela praticidade de manuseio e portabilidade.

Questionados sobre qual fonte informacional mais utilizam para se manterem atualizados, 39 alunos (86,7%) responderam de forma unânime que usam redes sociais, como WhatsApp, Instagram e Facebook. Novamente, pela facilidade em consumir informações rápidas. 17 alunos (37,8%) responderam que usam a televisão como fonte informacional, enquanto apenas 5 (11,1%) e 7 (15,6%) utilizam livros e a escola como fonte, respectivamente (figura 05).

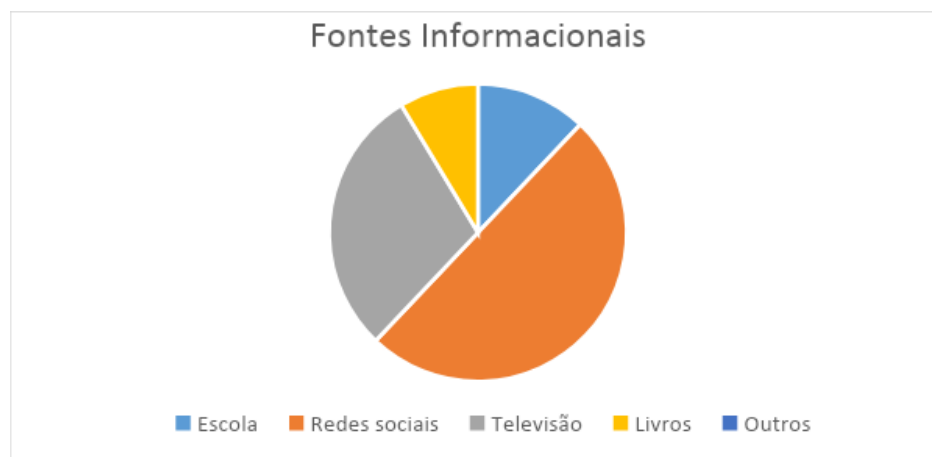


Figura 05. Fonte: Autora, 2021.

A escola ocupar a terceira posição como fonte informacional é compreensível de diversos modos, mas não significa que isso é algo positivo ou conformista. Isso se dá a falta de debates na sala de aula e possivelmente a falta de credibilidade atribuídas aos professores. Algumas pessoas preferem

acreditar em “gurus astrônomos” do que necessariamente num estudado professor.

As redes sociais já fazem parte da cultura do espaço geográfico e é nítido o crescimento de uma identidade coletiva quando citamos, por exemplo, as mobilizações de 2013 relacionadas ao desagrado econômico, político e social do Brasil. Tais manifestações se iniciaram em redes como o Twitter, Facebook e outros meios comunicacionais e foram marcantes no sentido de mobilizar uma sociedade polarizada circunstancialmente no meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2009).

Nesse novo momento do espaço geográfico, em que os meios (Tv, computadores, celulares, etc) e a informação formam um universo de possibilidades entre elementos socioespaciais, compreender as redes sociais é compreender a forma como a sociedade contemporânea se organiza socialmente e como ocorre as dinâmicas dos territórios.

Quando questionados se deveriam haver mais debates nas aulas de Geografia sobre política, 32 alunos responderam que sim, comentando anonimamente (figura 06):

“Sim, seria interessante se os alunos debatessem sobre questões políticas, mas claro, o professor não pode obrigar os alunos a seguir uma certa ideologia.”

“Sim, principalmente na rede pública. Vim de uma escola privada que promovia, na sala de aula, debates com os temas que abordamos durante o assunto. Alguns desses debates me fizeram expor opiniões e me posicionar.”

“Sim, acho muito importante instruir os alunos nesse aspecto, ajudaria a formar pensamentos e construir suas próprias ideias a respeito.”

“Sim, pois hoje muitos leigos se deixam influenciar por informações não verídicas.

Sim, saber sobre política será útil na hora de votar.”

Pelos comentários é importante observar que alguns destacaram a importância de se aprender mais sobre política e que mesmo com interesse, ainda há preocupação de se saber das fontes das informações direcionadas a eles, assim como manter a autonomia do pensamento, ponto fundamental da democracia.

Um dos alunos pontuou como a “educação política faz melhores eleitores”. A partir do momento que desenvolvemos consciência de classe, passamos a entender melhor nossa conjuntura política e escolhemos melhor nossos representantes. Como citei acima: o comodismo é o pai da desinformação.

Já outros 11 alunos disseram que não, comentando:

“Não, causa muita gritaria e confusão.”

“Não. Nem mesmo os professores são imparciais. Apenas geraria confusão.”

“Não, é um assunto que não agrada a muitos.”

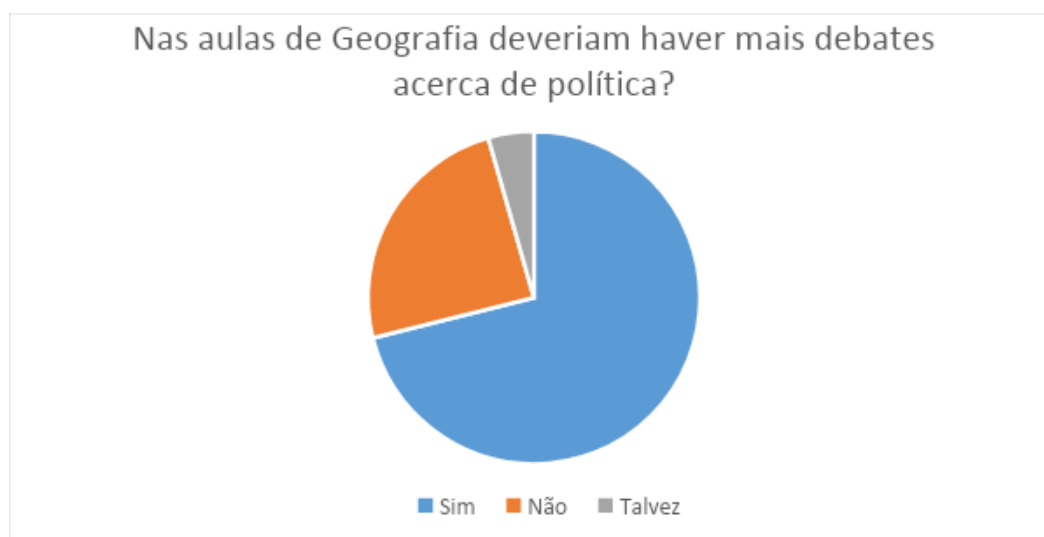


Figura 06. Fonte: Autora, 2021.

A respeito de mazelas sociais, 100% dos alunos concordam que nas aulas de Geografia deveriam haver mais debates acerca de outras questões sociais, como racismo, homofobia, bullying, etc.

Logo, é importante pontuar a importância de saber fazer uma interação entre estes assuntos com os conteúdos escolares. No livro “O ensino de geografia na escola, de Lana de Souza Cavalcanti, a autora reflete sobre como os conteúdos escolares devem ser tratados e repassados de forma crítica, criativa e questionadora, afim de um possível confronto com outros saberes.

Somando isso ao papel social da escola, e ainda a Geografia, define-se que nós, enquanto agentes da sociedade nos construímos e reconstruímos a medida que adquirimos conhecimento e reformulamos o espaço geográfico em que vivemos, no sentido de ampliação.

“A escola lida com culturas, seja no interior da sala de aula, seja nos demais espaços escolares, e a geografia escolar é uma das mediações pelas quais o encontro e o confronto entre culturas acontecem.” (CAVALCANTI, 2012, p. 45).

Comentando que “com certeza, temos que saber respeitar diferenças e normalizar todo tipo de amor, todo tipo de fé, todo tipo de cor e estereótipos, acabar com qualquer paradigma imposto pela sociedade” e “Sim, para que o futuro não seja tão péssimo como é hoje. Além disso, tem coisas como a cultura LGBTQIA+<sup>2</sup> que nunca estudamos, o que seria de muita importância para acabar com o preconceito da sociedade”, os alunos entendem a importância de se discutir assuntos que fazem parte do nosso cotidiano e que muitas das vezes são debatidos da porta da escola para fora.

Um ponto interessante é que, apesar da disciplina seguir um currículo programado, os alunos identificam a Geografia como algo maior que mapas e capitais. Aliando a Geografia com disciplinas como Sociologia e Filosofia, como sugeriu um aluno, o debate seria enriquecido já que a escola é um ambiente que traz, além do aprendizado, a socialização.

---

<sup>2</sup> A sigla LGBTQIA+ engloba pessoas que são lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, *queer*, intersexuais, assexuais e mais.

Quando perguntados se estariam dispostos a assistir algum debate sobre uma vertente política diferente da qual eles se identificam, 26 alunos (57,8%) disseram que sim, enquanto outros 18 (40%) disseram que talvez e 1 (2,2%) disse que não. É muito interessante observar que algumas pessoas estão abertas a ouvir o um ideal diferente do seu. Tendo em vista que esses resultados são locais, já que a pesquisa foi feita com 45 alunos.

Ao evitar confrontos ou discussões, perdemos a oportunidade de absorver mais do entendimento do outro. É saber manter o respeito, mesmo que não haja concordância.

O gráfico é bastante expressivo em relação a positividade, tendo em vista que de uns anos para cá a quantidade de pessoas que se dizem “conservadoras” a ideias que não se assemelham aos seus ideais cresceu consideravelmente. Voltando às eleições de 2018, podemos exemplificar este fenômeno com a (suposta) ameaça “comunista”, que inflou a quantidade de pessoas que se consideram de direita, enquanto que a esquerda passou a ser vista como uma vertente atemorizante afim de “destruir vidas”. Vide figura 07.

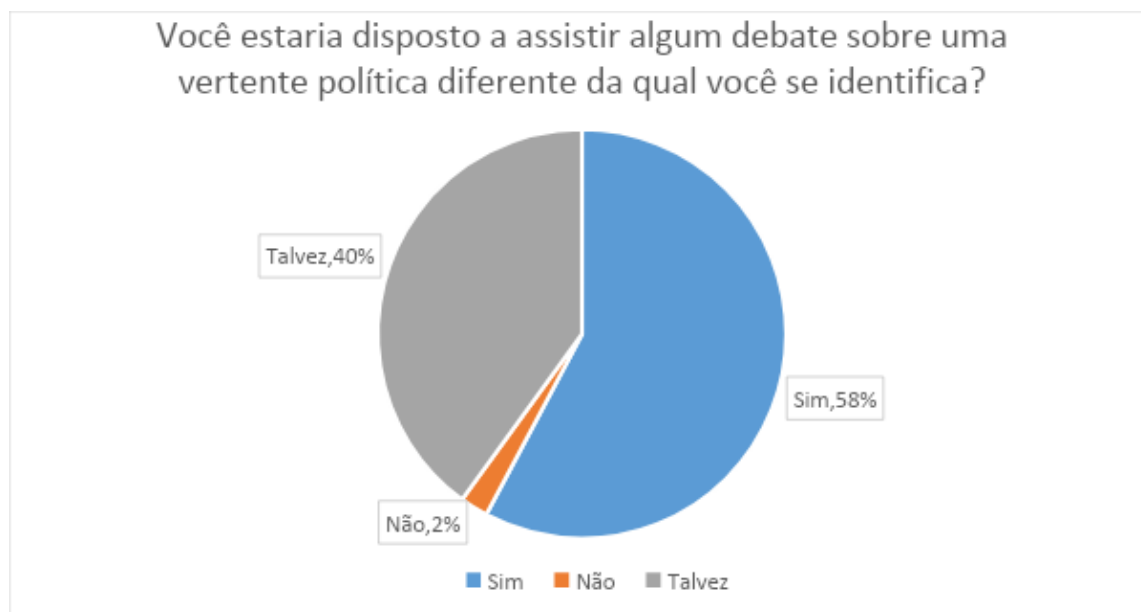


Figura 07. Fonte: Autora, 2021.



A quantidade de pessoas que responderam a pesquisa pode ter sido mínima, mas ainda assim é bom observar que a liberdade de pensamento e uma possível vontade de entender também o outro lado ainda estão de pé.

## CONSIDERAÇÕES “NEM TÃO” FINAIS

Quando perguntada sobre o principal objetivo de escolher tal tema, prontamente escrevi que gostaria de fazer um ensaio sobre o papel da Geografia em discussões de cunhos sociais e políticos e sobre o papel central da escola na formação de cidadãos conscientes de suas posições perante a sociedade.

Porém, tive que analisar mais a fundo meu objetivo para poder divisá-lo em três objetivos específicos: academicamente, pessoalmente e profissionalmente. Destes três objetivos, alcancei os dois primeiros, pois ainda acredito que irei exercer a profissão e colocarei em prática ensinamentos e conselhos que tirei tanto das aulas, quanto das leituras ricas que fiz para produzir este trabalho.

Especificamente, partindo das respostas que obtive na aplicação dos questionários, pude perceber que sim, a escola desempenha um papel importante quando a questão é política, pois os alunos que responderam são, majoritariamente, conscientes de papel enquanto cidadãos e que mesmo através de fontes secundárias, como as redes sociais, a escola ainda é fonte essencial para debates e ensaios sobre os mais diversos assuntos.

Em relação a como os assuntos de cunho social e político são tratados dentro da sala de aula, em especial nas aulas de Geografia, e fiquei surpresa quanto as respostas. É importante frisar que a quantidade pesquisada não corresponde a realidade de tudo, isso pode variar de pessoa para pessoa, espero que futuramente possa expandir minha pesquisa. Os alunos pesquisados têm plena noção de que a Geografia não se limita a mapas, e alguns citaram outras disciplinas como a Sociologia, e um adendo é que uma disciplina pode ser aliada a outra em relação a discussões de cunho humano e social.

Os meios informativos alternativos à escola que os alunos utilizam também foi um dos pontos que quis pesquisar, pois vivemos na era da informação fácil e nem sempre as fontes informacionais utilizadas são confiáveis. Dos 45 alunos, 39 afirmaram que as redes sociais são suas

principais fontes informativas, julgando pela facilidade e rapidez, mas nem sempre quantidade significa qualidade. É preciso filtrar informações que pareçam absurdas e duvidosas. Por outro lado, apenas 7 alunos responderam que a escola é fonte de informação. Informação leva ao conhecimento e mesmo que vivamos no meio técnico científico-informacional, com tudo a mão de maneira fácil, a escola ainda vive para informar, e do meu ponto de vista é perturbante observar que a mesma está perdendo muito no quesito confiança.

Refletindo um pouco mais sobre os últimos anos e em como as pessoas “aprenderam” a se posicionar em uma polaridade, foi de suma importância buscar analisar e compreender a função da escola na formação cidadã de cada aluno. Foi necessário entender como o outro pensa quando se fala de política e quando se fala de mazelas sociais.

Um ponto a se destacar é que, mesmo em uma coleta de dados não ampla, alguns alunos ainda enxergam a escola como fonte informacional. É difícil disputar a atenção de alguém quando a pessoa está com o celular na mão. Agora, imagina como é para um professor disputar a atenção de diversos alunos, com diversas realidades e com a informação em suas mãos (ou sem seus bolsos). É importante pontuar que há uma corrida pela adaptação ao novo momento, vivida por professores da velha e da nova geração. É uma dualidade a qual os professores vão viver cada vez e se faz necessário aliar conhecimentos prévios à novas tecnologias.

No questionário, foi perguntado se deveriam haver mais debates em sala de aula a respeito das temáticas aqui tratadas. Foi observado que em grande parcela, os alunos responderam que sim, pois consideram os temas importantes na construção pessoal de cada indivíduo. Porém, no quesito didática, alguns pontuaram a falta de imparcialidade ao tratar principalmente de política, o que geraria confusão e desconfianças na sala de aula.

É fato que, geralmente, as pessoas ligam a palavra “discussão” a confusão ou brigas. Porém, cabe ao professor propor e gerar debates mais dinâmicos com incentivos a aprimorar seus conhecimentos e opiniões, mas acima de tudo se manter o respeito.

Uma boa teoria, não?

Mas é importante salientar que além do papel social que a escola desempenha na nossa construção de nossas compleições, nossos jeitos e características também são moldados dentro de casa. A milagre do professor é ensinar. Nossa desconstrução e reconstrução se dá ao longo do tempo, por influências, por estudos e principalmente por vivências.

## REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. **A Geografia no Ensino Médio**. São Paulo. Terra Livre, 1999.

\_\_\_\_\_. **A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino**. São Paulo. Terra livre, 2001.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **Ensino de Geografia, Práticas e textualizações no cotidiano**. (Org.) Editora Mediação. 2000.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. Campinas: Papyrus, 2014.

COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia Política e Geopolítica**. São Paulo: Hucitec. 1992.

KITCHIN, Rob. **Geographers matter!** Doreen Massey (1944–2016), *Social & Cultural Geography*, 17:6, 813-817. London. 2016.

RIBEIRO, Marlene. Educação para a cidadania: questão colocada pelos movimentos sociais. **Educ. Pesqui.** São Paulo, v. 28, n. 2, p. 113-128, jul. 2002. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S15179702200200020009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S15179702200200020009&lng=pt&nrm=iso)>

SANTOS, Milton. **O papel ativo da Geografia: um manifesto**. Revista Território, Rio de Janeiro, ano V, n" 9, pp. 103-109, jul. 2010.

\_\_\_\_\_. **A aceleração contemporânea**. In SANTOS, Milton et al. (Orgs.). *O novo mapa do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1993.

\_\_\_\_\_. **O trabalho do Geógrafo no terceiro mundo**. São Paulo: Hucitec, 1978.

VESENTINI, José W. **A capital da geopolítica**. São Paulo: Ática, 1986.

## **ANEXOS**

- Questionário sobre política na sala de aula – *GOOGLE FORMS*



## Questionário sobre "Política na sala de aula"

Perguntas

Respostas

45

# Questionário sobre "Política na sala de aula"

Este questionário faz parte do trabalho de conclusão de curso de

Geografia e tem como objetivo avaliar como a temática está sendo trabalhada

no ensino médio.

Deixo claro que o mesmo não tem fins políticos ou partidários, apenas para coleta anônima de dados.

Qual é a sua idade? \*

\*

\*

Texto de resposta curta

Qual é o seu gênero? \*

\*

Texto de resposta curta

## Questionário sobre "Política na sala de aula"

Perguntas

Respostas

45

Em qual ano você estuda? \*

\*

- 1º ano
- 2º ano
- 3º ano

Como você analisa seu conhecimento acerca de política?

\*

\*

- Bom
- Muito bom
- Péssimo
- Ruim
- Indiferente



## Questionário sobre "Política na sala de aula"

Perguntas

Respostas

45

Qual fonte informacional você mais utiliza? \*

- Escola
- Redes sociais (WhatsApp, Facebook, Instagram, YouT...
- Televisão
- Livros
- Outros

Nas aulas de Geografia deveriam haver mais debates acerca de política? \*

Justifique sua resposta.

Texto de resposta longa

---

## Questionário sobre "Política na sala de aula"

Perguntas

Respostas

45

Nas aulas de Geografia deveriam haver mais debates acerca de outras questões sociais, como racismo, homofobia, bullying, etc? Por quê? \*

Texto de resposta longa



Você estaria disposto a assistir algum debate sobre uma vertente política diferente da qual você se identifica?

- Sim
- Não
- Talvez